

Sem mágica

Avaliação negativa do risco dos títulos brasileiros no mercado internacional feita pelo banco de investimento Morgan Stanley Dean Witter e pela corretora Merrill Lynch, ambos americanos, deflagrou uma espécie de ira cívica. Baseadas na ampliação da liderança do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, nas mais recentes pesquisas eleitorais sobre a corrida para o Palácio do Planalto, as análises atraíram, como era óbvio, duras críticas do próprio Lula. Mas o banco e a corretora também foram alvejados pelos demais candidatos e até pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

Entende-se que o governo tenha participado dos ataques. Afinal, dada a importância das duas instituições financeiras, houve imediata desvalorização dos títulos brasileiros no mercado. A taxa de risco do país chegou a subir oito pontos percentuais sobre a rentabilidade básica oferecida pelos papéis do Tesouro americano, a referência para esse tipo de cálculo. Não é pouca coisa.

Departamentos de análise de grandes bancos e corretoras internacionais e agências de risco (como a Moody's e a Standard & Poor's) têm estado na berlinda, nos últimos anos, nos debates sobre as flutuações da economia mundial. Nem sempre do melhor lado. Eles erraram na crise asiática do fim da década de 90: os senhores dos analistas não conseguiram detectar a tempo a *débâcle* de todos os chamados Tigres, denominação das economias daquela região inspirada na agressividade demonstrada por elas no comércio exterior. Erraram mais recentemente ao não perceberem — ou não alertarem sobre — o laboratório de alquimias contábeis em que se havia convertido a Enron, sétima empresa americana. A Enron inflava lucros e fazia desaparecer prejuízos, no maior escândalo empresarial da História americana. Nem por isso a maioria dos analistas deixou de incentivar os investidores a comprarem as ações da companhia, até às vésperas do anúncio da falência.

Erraram, também, ao fazerem análises comparativas favoráveis à economia argentina, em relação à brasileira, sem perceberem o rastilho de pólvora do câmbio fixo sob os pés do presidente Fernando de la Rúa e do ministro Domingo Cavallo.

Estas são constatações inquestionáveis. Já fazem parte dos relatos da história recente da eco-

nomia internacional. Mas os clientes dessas agências, e os assinantes das análises dos grandes bancos de investimentos e corretoras de Nova York e Londres, esperam delas exatamente o que elas fizeram agora com o Brasil: que os alertem a tempo sobre possíveis mudanças de cenário no futuro. Não houve, nem há, por parte dessas instituições, especial sadismo em relação ao Brasil.

Os analistas têm razão em levantar dúvidas sobre o futuro

Sejamos sinceros e racionais: a economia brasileira tem avançado muito, mas os necessários ajustes fiscal e externo ainda são frágeis. E se esse quadro de fragilidade for analisado à luz das últimas sondagens eleitorais, qualquer analista pago para assessorar investidores no exterior é levado a alertá-los sobre um cenário de riscos que pode se tornar

realidade a partir de 2003. Ou não. O problema não está nas análises; o problema é a nossa economia.

O jornal londrino "Financial Times" analisa esse debate num editorial sensato. Considera exagerado o risco de o Brasil ter subido oito pontos percentuais, e lembra que o candidato do PT sempre começo as campanhas eleitorais na ponta das pesquisas. Foi assim três vezes e por três vezes saiu derrotado. E mesmo que seja vitorioso desta vez, aponta um dos mais importantes

jornais econômicos do mundo, a liderança petista abandonou mu-

tio da retórica anticapitalista do passado. "Em várias cidades brasileiras o PT tem provado ser bom administrador", esclarece. O jornal alerta, contudo, que isso

não significa que "o investidor

possa relaxar". Afinal, somos parte da América Latina, e é inevitável que as tragédias populistas e voluntaristas da Venezuela e da Argentina sejam consideradas em Londres e Nova York na hora em que analistas de bancos, corretoras e agências de risco procuram traçar hipóteses de futuro para a economia brasileira.

O problema não são as análises; o problema é a economia

Só há uma maneira de o próximo presidente da República livrar-se do dissabor provocado por avaliações negativas como essas: é manter-se firme em busca de um ajuste fiscal e de um equilíbrio das contas externas consistentes e permanentes. E para isso, seja Lula ou não, terá de dar prioridade à reforma tributária, sem esquecer as demais: a política e a previdenciária. Com elas, será possível cortar os juros, voltar a crescer a taxas altas e sem déficits comerciais. Não há mágica.